



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7477 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS EM TEMPOS DE (PÓS)PANDEMIA

Fabiane Florido de Souza Lima - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS EM TEMPOS DE (PÓS)PANDEMIA

O presente trabalho busca apresentar algumas reflexões a partir dos desafios vivenciados, nesse tempo de pandemia, na gestão de uma escola de educação infantil por uma professora-pesquisadora (GARCIA; ALVES, 2002) das infâncias que desenvolve sua pesquisa de doutorado em um município do Leste Fluminense.

O enfrentamento da pesquisa me provoca a ampliar o estudo também no campo da Educação Popular, especificamente com as temáticas da gestão democrática e participativa, na compreensão acerca de quem são as crianças e infâncias com as quais trabalho, na aposta por uma pedagogia como *Prática da liberdade* (FREIRE, 1980) para a educação infantil.

O meu diálogo com a gestão democrática e com a participação é baseado nas ideias de Freire (2019, p. 67), na compreensão de que “*uma escola pública popular* não é apenas aquela à qual todos têm acesso, mas aquela que realmente atende aos interesses populares que são os interesses da maioria”. Um espaço vivo e dialógico no qual os coletivos (crianças, famílias e profissionais) participam da construção do seus espaços-tempos.

O tema da gestão escolar não é uma questão específica dos estudos de Paulo Freire, mas emerge atravessado no conjunto de sua obra, na sua visão de educação, de ser humano e de sociedade que nos faz pensar sobre a gestão democrática. No cerne dessa discussão, o mergulho no campo da Educação Popular também me ajuda a olhar de outra maneira para as infâncias e as crianças, uma vez que estou imbricada na intercessão dos Estudos da Infância em diálogo com o campo da Educação Popular, trabalhando com crianças moradoras de uma favela na periferia do município investigado.

Na esteira desse pensamento, Freire (2002) auxilia na busca por uma pedagogia para todos e todas, mediante uma luta libertadora, que “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos - libertarem-se a si e os opressores” (FREIRE, 2002, p. 30). O processo libertador, percorrendo essa visão, acontece de uma intencionalidade política que assume um futuro voltado para a transformação social.

Neste contexto, *é possível pensar a participação das crianças na gestão de uma*

escola de educação infantil pública popular? Retomo a pergunta inicial de minha pesquisa, entendendo que esta provoca, atualmente, o desdobramento de uma outra questão que me mobiliza na ação investigativa: *Como o cotidiano me provoca a pensar/fazer/conversar com crianças e adultos sobre outra possibilidade de escola?* Escola pensada, em outro tempo, em torno de uma *pedagogia do vírus* (SANTOS, 2020)?

Estamos vivendo uma situação mundial inimaginada. A forma como a doença propagou-se mundo afora e vem nos impactando implica na quebra momentânea do convívio social. Pandemia mundial, isolamento social... Tivemos que adotar imediatamente uma série de medidas para conter a disseminação do coronavírus, como o fechamento das escolas, do comércio e dos espaços públicos, no intuito de evitar aglomerações de pessoas e a propagação da doença, pelo contágio do coronavírus.

Compreendo as ideias de Santos (2020, p. 29), quando este sinaliza alguns caminhos que nos faz “pensar em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI”, dentro dessa *cruel pedagogia do vírus*. O ensaio do sociólogo português dialoga sobre a inesperada mudança nas rotinas impostas em todo o planeta, como o tempo que agora dispensamos à família, aos filhos, à diminuição da poluição nas grandes cidades e à redução do consumo desenfreado.

Diante do exposto, pergunto: como, neste contexto, posso *oferecer possibilidades de (con)vivência ao coletivo infantil, às famílias, professoras e profissionais em tempos de distanciamento social?* Enquanto diretora e pesquisadora dessa Unidade de Educação Infantil (UMEI), venho refletindo sobre a questão colocada e buscando ações com professoras e professores, em consonância com as concepções de educação infantil, criança e currículo apresentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIs (BRASIL, 2010), e de suas famílias.

As ações que construímos com o grupo da UMEI envolve a tríade crianças-famílias-profissionais. Um dos movimentos feitos para as crianças são os projetos pensados para a (re)aproximação e a criação de vínculos, para os quais vimos utilizando os canais que a escola movimenta (Facebook, Instagram e Whatsapp), com proposições fomentadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos (BRASIL, 2010, p. 16), através da brincadeira, da alteridade e da participação.

Observar a paisagem, prestar atenção ao céu e no entorno de casa; escutar histórias, poesias e músicas; construir brinquedos e jogos com materiais acessíveis e brincadeiras com elementos da natureza; resgatar brincadeiras infantis, tais como: amarelinha, pular corda, pique-esconde; encontrar com os amigos via online para conversar, rir, partilhar, escutar. São proposições que apresentamos na educação infantil às crianças acerca de uma concepção de criança e infâncias a que nos propomos que não estejam articuladas às perspectivas preparatórias e assistencialistas.

O movimento que tencionamos com os adultos não é muito diferente. Oferecer um tempo de escuta, de partilhas e de atenção é a nossa proposta. Um tempo que nos humanize e nos ajude a olhar para as famílias com respeito, cuidado e acolhimento.

Considerando os desafios colocados, compreendo que a atuação da gestão da escola, nesses tempos pandêmicos, seja (re)pensar o projeto político-pedagógico com os coletivos, o nosso papel enquanto profissionais, assim como (re)inventar os espaços e tempos constituídos para que a *escola pública popular* possa atender às expectativas e aos interesses das crianças e de suas famílias diante de tantas perplexidades e perdas. A escola contemporânea é a escola dos dispositivos tecnológicos e que necessita estar articulada e em diálogo com outras instituições, para buscar outros modos de viver e de se colocar nesse novo tempo.

Com efeito, é vital acolhermos as crianças, através da escuta e do afeto para ajudá-las a compreender que os momentos difíceis existem, mas que é possível enfrentá-los. É fundamental, também, estarmos em conexão com as famílias para pensarmos juntos sobre a educação dos pequenos, dialogar como as infâncias se constituem e, da mesma maneira, tentar entender as questões que nos abalam diante da pandemia.

O que permanece desafiador como um horizonte a ser perseguido em tempos de (pós)pandemia é praticar, no cotidiano da UMEI, uma gestão participativa e democrática com os diferentes sujeitos, principalmente as crianças pequenas. *Como ampliar e garantir a participação delas na gestão da UMEI?*

O desejo é que a pesquisa possa contribuir para um debate mais amplo e democrático sobre as práticas educativas a partir do direito das crianças de participar, decidir e planejar os rumos cotidianos da sua escola.

Palavras-chave: Gestão democrática. Educação Infantil. Pandemia da COVID-19.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Ana Maria Araújo; MENDONÇA, Ernesto Fortes (org. e notas). *Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. Paulo Freire - Patrono da Educação Brasileira. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Portugal: Edições Almedina, 2020.